

UNIVERSIDADE DEL BÍO-BÍO
Departamento de Ciencias de la Educación
Primer Seminario Internacional
“Educación Física desde uma Perspectiva Sociocultural”
8 e 9 de Setembro de 2015

“Implicações do Conceito de Cultura para a Educação Física”

Prof. Dr. Jocimar Daolio

Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (BR)

I. Pressupostos

O objetivo geral desta intervenção é discutir o conceito de “cultura” sob o ponto de vista antropológico e fazer algumas relações com a Educação, com a Educação Física e, especificamente, com a Educação Física Escolar, objetivo a que tenho me dedicado durante os últimos 25 anos de minha vida acadêmica.

Embora já se aceite e se utilize a dimensão cultural na Educação Física atualmente, ainda há muitos equívocos e compreensões errôneas em relação ao uso do termo “cultura”. Confunde-se cultura com classe social, ou com noções de bom gosto, ou com conhecimento formal, ou com a dimensão artística ou, ainda, se fala em mais ou menos cultura, quantificando-se o conceito. Essas confusões impõem a necessidade de estudo e aprofundamento sobre as origens do uso do conceito de cultura pela área de Educação Física e de seus pressupostos teóricos. De fato, falar ou sugerir a dimensão cultural não garante nem unidade de pensamento e ações nem garante proposta de intervenção progressista.

Se a discussão antropológica é fundamental para a compreensão do conceito de cultura, boa parte dessas confusões deve-se à Antropologia que se praticava no século XIX, chamada de evolucionista e que acabou por propiciar características etnocêntricas aos estudos sobre os seres humanos e à própria Antropologia. Os seres humanos encontrados eram classificados em civilizados ou primitivos, em clara proposta de classificação evolutiva, que justificou “cientificamente” a prática da colonização. A diferença entre os seres humanos era considerada como desigualdade

e, dessa forma, o conceito de cultura servia para excluir pessoas consideradas menos civilizadas. Essa formulação gerou – e ainda gera – uma série de preconceitos e discriminações em relação a grupos que apresentam comportamentos considerados exóticos ou diferentes de um padrão de normalidade.

Somente no início do século XX, a partir de prolongadas observações in loco, principalmente com Bronislaw Malinowski e Franz Boas, a Antropologia sofre transformações importantes no sentido de considerar a diversidade humana. Quando os pesquisadores passam mais tempo com os nativos, começam a considerar a dimensão dos significados e aquilo que parecia exótico ou estranho passa a fazer sentido. Ou seja, os usos e costumes anteriormente considerados primitivos passam a ser vistos como parte de um conjunto de significações próprias daquele grupo. Dessa forma o que era apenas considerado desigual passa a ser considerado como diferente e a questão da reflexividade se impõe à Antropologia, já que os costumes e hábitos do pesquisador também eram passíveis de serem considerados como diferentes, nem melhores nem piores do que os dos nativos pesquisados.

Um antropólogo importante do século XX, que utilizo em meus estudos, foi Clifford Geertz (1926-2006), responsável pela chamada Antropologia Simbólica ou Interpretativa. Para ele, a cultura constitui-se em recursos simbólicos portadores de significados e doadores de sentidos por meio dos quais os indivíduos se veem como pessoas. Para Geertz, a cultura é eminentemente pública, porque os significados são públicos, constituídos nas relações sociais cotidianamente. A cultura, para Geertz, deve ser vista não apenas como produto dos seres humanos, mas como processo pelo qual os seres humanos vivem, dando sentidos às suas ações. Dessa forma, todos os seres humanos possuem cultura, porque viver implica manipular símbolos, compreender significados e gerar sentidos. É nesse sentido que o autor afirma que a cultura pode ser compreendida metaforicamente como uma tela de significados.

Para Eunice Durham (1984), “a cultura constitui um processo pelo qual os homens orientam e dão significado às suas ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana”.

Discutindo sobre a concepção de natureza humana, Geertz faz uma crítica à chamada por ele de concepção estratigráfica, a partir da qual a dimensão cultural surgiu ao longo da evolução humana como consequência de organizações anteriores

biológicas, psicológicas e sociais. A partir desse modelo buscam-se pontos invariantes de referência para se compreender a natureza humana consensual. Esse modelo estratigráfico, de acordo com o autor, organiza e garante especificidade de cada matriz disciplinar, porém naturaliza e secundariza a dimensão cultural à dimensão biológica. O desenvolvimento e complexidade do sistema nervoso humano seria o precursor dos comportamentos culturais, claramente separando a cultura do desenvolvimento humano.

Em oposição ao modelo estratigráfico, o autor defende uma concepção sintética de natureza humana, que considera os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais como variáveis num sistema unitário de análise. Esse modelo permite considerar que os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais estão sempre relacionados nas ações humanas simultaneamente e devem ser vistos conjuntamente, gerando uma visão de totalidade e buscando as relações entre os vários aspectos do ser humano e entre as várias disciplinas científicas.

Quanto se transpõe a discussão empreendida por Geertz sobre a concepção de natureza humana para a Educação Física, constata-se que esta área é vista historicamente a partir da concepção estratigráfica, que separa os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais, priorizando os primeiros. A dimensão da cultura aparece apenas como complemento ou consequência do desenvolvimento dos níveis anteriores, ao invés de componente essencial do desenvolvimento humano. Essa noção de natureza humana gerou forte influência nos currículos dos cursos de graduação em Educação Física, na produção de conhecimento da área e na atuação profissional.

Em contraposição, a partir da concepção sintética proposta por Geertz seria possível estabelecer melhor diálogo entre as disciplinas acadêmicas, diminuir o preconceito entre as subáreas e qualificar a intervenção da área de Educação Física. Ou seja, as dimensões biológicas, psicológicas, sociais e culturais deveriam ser vistas não como estratos isolados nas intervenções próprias da Educação Física, mas como dimensões relacionadas entre si, gerando melhor diálogo entre as subáreas e qualificando a intervenção.

II. Implicações

Por considerar que todas as manifestações corporais humanas constituem-se em expressões que vão além da dimensão física, mas são geradas na dinâmica cultural humana, é que tenho afirmado que “cultura” é o principal conceito e a principal categoria para a Educação Física.

O conceito de cultura ganhou relevância na Educação Física brasileira devido a um conjunto de fatores, tais como o contexto político de redemocratização por que passou o Brasil na década de 1980, tornando essa década importante e sempre lembrada pela área. Além disso, foram determinantes para o aceite e reconhecimento da cultura como importante conceito para a Educação Física o suporte teórico recebido das Ciências Humanas e Sociais e a criação dos primeiros cursos de pós-graduação na área.

Uma contribuição importante dos estudos oriundos das Ciências Humanas e Sociais foi a ampliação da noção de corpo, uma vez que a perspectiva biológica não explica o corpo na sua totalidade e como complexa ação humana. A partir da perspectiva cultural o corpo deixou de ser apenas um conjunto de ossos, músculos, articulações e nervos para se tornar sede de signos sociais. Ao invés de simplesmente expressão física o corpo passou a ser considerado também na perspectiva da linguagem e da comunicação, abrindo novas perspectivas de pesquisa e permitindo que a Educação Física começasse a interagir com outras áreas, sobretudo das ciências humanas.

A ampliação da noção de corpo deve muito a Marcel Mauss, antropólogo francês (1872-1950) que cunhou a expressão “técnica corporal” para expressar os vários usos que os seres humanos fazem de seu corpo. Segundo ele, todos os gestos humanos devem ser pensados como técnicos porque possuem tradição e eficácia simbólica, indo além de uma mera expressão física. Grupos diferentes fazem uso do mesmo corpo biológico, muito semelhante entre todos os seres humanos, de formas absolutamente diferentes. Em outros termos, o mesmo corpo biológico que torna todos os seres humanos iguais os torna completamente diferentes em razão do seu uso. Assim, amplia-se a visão mecânica de movimento corporal eficiente para a dimensão dos significados culturais (MAUSS, 2003).

A Educação Física possui uma história e tradição que considera o movimento técnico apenas em sua dimensão eficiente, desconsiderando os vários usos e os vários significados que os corpos adquirem ao longo do tempo e nos vários locais. Até hoje, quando se fala em “técnica” na Educação Física está se pensando no movimento fisiologicamente mais correto ou mais eficiente, quase sempre tomando o esporte de alto nível como base de comparação. Relativizar e ampliar o uso histórico do conceito de técnica é uma tarefa necessária que a Educação Física precisa enfrentar.

Outra implicação do conceito de cultura para a Educação Física refere-se à discussão sobre a educação formal. Pensar em escola e em educação implica necessariamente considerar a dimensão da cultura, porque a educação escolarizada pressupõe a preservação, transformação e transmissão da cultura acumulada pelos seres humanos ao longo de sua história. De acordo com Forquin (1993), a cultura constitui-se no conteúdo substancial da educação e que essas duas dimensões ou conceitos – cultura e educação – não podem ser pensados de forma separada. Só existe escola entre os humanos porque estes são seres de cultura e, como tais, fazem história, preservam suas tradições, transmitem aos seus descendentes de forma simbólica e significativa.

Se a escola trabalha com a cultura e se a Educação Física é uma disciplina escolar, logo esta deve também trabalhar com a cultura, especificamente com a parte dela relacionada às questões corporais. Portanto, atuar com ou sobre o corpo nas aulas de Educação Física implica atuar na sociedade que dá sentido a esse corpo, implica atuar na cultura, enfim, fazer história. Em outros termos, a Educação Física escolar não atua sobre o corpo, o movimento, o esporte, o jogo, a dança em si; ela deve atuar com a parte da cultura relacionada às questões corporais, como os jogos, os esportes, as lutas, as danças e as formas de ginástica.

É nesse sentido que chegamos ao conceito de Cultura Corporal, ou Cultura de Movimento, ou Cultura Corporal de Movimento. Essas pequenas diferenças terminológicas dependem do uso desse termo que fazem diferentes autores e não importa nesse momento essa diferenciação. O que importa é que vários autores da Educação Física atualmente consideram a incorporação do conceito de cultura para definir o objeto de estudo da área. É nesse sentido também que se fala em Cultura

Esportiva ao invés de Esporte, Cultura Lúdica ao invés de Jogo, Cultura Gímica ao invés de Ginástica etc.

A intenção é a de estabelecer que a Educação Física é uma área de conhecimento e intervenção que tem como seu objeto a dimensão cultural, especificamente a parte da cultura relacionada às questões corporais. Dessa forma, a Educação Física preocupa-se com as formas simbólicas de linguagem e comunicação humanas. Trata de um conhecimento que não se restringe apenas à dimensão vivencial, mas às suas relações com o mundo dos alunos. Os conteúdos clássicos da Educação Física Escolar (Jogo, Ginástica, Dança, Esporte, Luta) são definidos como conhecimentos históricos criados pelos seres humanos e que devem ser garantidos aos alunos.

III. Referências Bibliográficas

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas, Papirus, 1995.

DAOLIO, Jocimar. A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro.

In: CARVALHO, Yara M. de; RUBIO, Katia. *Educação física e ciências humanas*. São Paulo, Hucitec, 2001, p.27-38.

DAOLIO, Jocimar. Educação física e o conceito de cultura. Campinas, Autores Associados, 2004.

DAOLIO, Jocimar. Educação física e pesquisa sociocultural. In: STIGGER, Marco Paulo (Org.). *Educação física + humanas*. Campinas, Autores Associados, 2015, p.111-127.

DURHAM, Eunice. Cultura e ideologia. *Dados*. Vol. 27, n. 1, p. 71-89, 1984.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre, ARTMED, 1993.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.

GEERTZ, Clifford. O saber local. Petrópolis, Vozes, 1997.

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.